

CECÍLIA COSTA

Filipa Oliveira

A fotografia é o aparecimento do eu próprio como outro. Uma dissociação artificiosa da consciência de identidade

Roland Barthes

Cecília Costa (Caldas da Rainha, 1971) estudou Artes Plásticas na ESTGAD, nas Caldas da Rainha. A sua revelação pública acontece quando é seleccionada para a integrar a Bienal de Sidney em 2004. Ainda em 2004, expôs individualmente na Arte Contempo, no âmbito do projecto ac# comissariado por Miguel Amado e Filipa Oliveira e, já em 2005, participa na mostra colectiva “Portugal: Algumas Figuras” comissariada por João Pinharanda para o Instituto Nacional de Belas Artes na Cidade do México.

A série *Pli*, que Cecília Costa tem vindo a desenvolver desde os tempos da universidade, assenta numa investigação onde a pesquisa plástica é contaminada por preocupações científico-matemáticas. A dobra que Cecília Costa explora situa-se exactamente no contágio da arte pela ciência. O que a artista nos propõe é uma investigação acerca da simetria e em particular da divisão das regiões do cérebro em direita e esquerda, da articulação desta problemática com os processos de construção da linguagem e dos modos como esta define fisionomias humanas específicas. Os frutos da sua exploração são esteticizados, não cingindo a artista a sua apresentação apenas a um determinado medium seleccionando o suporte que melhor se adequa aos resultados de cada pesquisa. Desta forma, a artista não desenvolve o seu trabalho apenas no campo da fotografia, mas no campo alargado da produção artística contemporânea .

As imagens que apresenta na Galeria Baginski no âmbito da Lisboa Photo surgem no seguimento de vários trabalhos desenvolvidos anteriormente pela artista: *Pli*, 2002 – um corredor feito com dois rolos de papel fotográfico nos quais a artista apresentava um conjunto de confrontos face a face de dois retratos da mesma pessoa (um constituído por dois lados direitos e o outro por dois esquerdos); uma série de desenhos exposta no projecto ac# que nos apresentava a sua visão do universo constituído por constelações de relações entre dois pontos; um video focado no desdobramento de tarefas por parte dos hemisférios do cérebro ou *Les machines à plier* – um conjunto de 7 “máquinas” de espelhos que desdobram o espectador em dois híbridos diferentes.

Nesta nova série de imagens, a exploração de *Pli* centra-se no auto-retrato ironizando o carácter imediato e pseudo-transparente do retrato fotográfico- o rosto nunca nos é desvendado pois esconde-se por detrás do outro de si mesmo. Uma auto-exploração onde

os encontros são fortuitos ou não, por vezes violentos, por vezes serenos, com ou sem espanto e em que a aparência de verdade camufla, no entanto, uma situação encenada.

Defende Jacques Lacan no seu 'estádio do espelho' que é no confronto com a nossa própria imagem no espelho que a construção da nossa subjectividade é activada. Ou seja, apenas no momento em que nos unimos ao nosso outro é que criamos o 'eu'. Os cruzamentos que a artista nos dá a ver, entre duas pessoas que são a mesma, consistem na experiência do corpo enquanto realidade simultaneamente una e díspar. A artista desdobra-se, embarcando numa procura ontológica pela sua subjectividade.

Se a fotografia é considerada como um processo de auto-conhecimento, na obra mais recente de Cecília Costa, na imobilidade do instante, a artista descobre a emergência da sua subjectividade num momento de plenitude ficcionada.